

PRESENÇA DE PINHEIRO-MANSO (PINUS PINEA) NO POVOADO CALCOLÍTICO DA ROTURA (SETÚBAL)

A. R. Pinto da SILVA (*)

RESUMO

O autor apresenta os resultados do estudo de um conjunto de 25 fragmentos de macro-restos vegetais carbonizados provenientes do nível de base de sequência estratigráfica do povoado da Rotura, dando a conhecer a existência de *Pinus pinea* L., em contexto calcolítico.

RÉSUMÉ

L'auteur présente les résultats de l'étude d'un ensemble de 25 fragments de vestiges végétaux carbonisés, provenant du niveau inférieur de l'habitat de

(*) Estação Agronómica Nacional, Oeiras.

Rotura, faisant connaitre la présence du *Pinus pinea* L. dans un contexte chalcolithique.

No nível 6 do povoado calcolítico da Rotura, nível da base da sequência estratigráfica estudada por C. Tavares da Silva⁽¹⁾, foram recolhidos por este arqueólogo 25 fragmentos de macrorestos vegetais mais ou menos carbonizados. Destes, 18 são constituídos por apófises (a parte externa da escama seminífera) de pinhas e 3 por fragmentos do episperma ou tegumento (ou seja, a casca) de pinhões. Os 4 restantes, menores, não permitiram identificação.

Quer pela forma do umbo (isto é, a protuberância da apófise), quer pela forma e dimensões dos fragmentos do episperma, torna-se evidente que se trata do pinheiro-manso (*Pinus Pinea* L.).

Todas as apófises são convexas, arredondadas, subpiramidais, com arestas mais ou menos marcadas, deprimidas no ápice, situadas obliquamente na parte inferior do ápice da escama seminífera. A parte da escama oposta à apófise é mais alta longitudinalmente, bifacetada, e as duas faces são levemente côncavas, lisas; num caso é longitudinalmente trifacetada.

Em 3 casos, as apófises correspondem a escamas subpicais da pinha, estéreis, e são então menores, mais salientes, convexas no verso ou, num caso, ainda longitudinalmente mais altas e bifacetadas com as faces levemente côncavas.

O rebordo da apófise voltado para a base da escama é por vezes muito marcado, delimitando distintamente, por arcos côncavos, a apófise da parte interna e inferior da escama.

Os fragmentos de episperma (casca do pinhão) medem 14 a 15 mm de comprimento e 8 mm de largura máxima e são, na forma, idênticos aos actuais.

O material examinado leva a concluir que se trata de *Pinus Pinea* L., o nosso pinheiro-manso. Isto é sumamente interessante, pois fazendo recuar ao Calcolítico a presença desta árvore no nosso território, vem mostrar que ela é de certo indígena e não foi, afinal, como se tem admitido, introduzida pelos Romanos.

NOTAS

(1) Cf. FERREIRA, O. da Veiga; SILVA, C. Tavares da - "A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar". *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Volume II, Lisboa, 1970, pp. 203-225.